



NOVA REITORIA
Pela primeira vez na história, UFRJ tem GT de transição. Cerca de cem professores, estudantes e técnicos planejam a gestão

Página 3

ESCOLA DE QUÍMICA DENUNCIA BLOQUEIO DA CPPD A PROGRESSÕES

Página 4

EQUIPE CNTC/HUCFF



#OrgulhoDeSerUFRJ

HOSPITAL FAZ PRIMEIRO TRANSPLANTE DE FÍGADO DEPOIS DE OITO ANOS

POR KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

A cirurgia ocorreu na manhã de sábado, 27, e devolveu a esperança para um paciente de 46 anos que sofria de cirrose avançada, provocada por hepatite C. A operação não ocorria no HU desde 2015

Páginas 6 e 7

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

O orgulho de ser UFRJ não é uma panaceia panfletária. Tampouco integra o equivocado evangelho que celebra o martírio do magistério. Somos orgulhosos da UFRJ porque lutamos por melhores condições de trabalho, mas também — e principalmente — porque produzimos coletivamente um conhecimento potente, inovador e transformador. As páginas do Jornal da AdUFRJ desta semana transbordam nossa honra de ser UFRJ. Chega a emocionar a reportagem sobre o transplante de fígado, realizado no sábado, 27 de maio, às seis da manhã, no Hospital Universitário. Há oito anos, não fazíamos nenhum transplante de fígado na universidade, apesar de nossa larga experiência nessa prática que alia técnica e esperança.

Foi a primeira operação realizada pela nova equipe do Centro Nacional de Transplantes Complexos (CNTc), instalada no HU com recursos do Ministério da Saúde. “É uma prova de que a UFRJ voltou com força para protagonizar o maior centro de transplantes dos hospitais universitários do Brasil”, comemorou o professor Eduardo Fernandes, coordenador do CNTc.

Vinculado ao hospital desde a residência médica, Eduardo não esconde a felicidade pela retomada dos transplantes de fígado. “Fiquei muito emocionado de retribuir para o hospital tudo que o hospital fez por mim”, disse. “Não posso deixar de agradecer por fazer este recomeço”.

Esse clima de começo e comprometimento também aparece na página 3 do Jornal, e retrata mais uma situação do pioneirismo “ufrjotiano” que tanto nos orgulha. Pela primeira vez em mais de um século de História, a passagem de uma reitoria para outra está ocorrendo com uma equipe de transição, dividida em grupos temáticos e com a participação de professores, estudantes e técnicos. O grupo foi institucionalizado no dia 24 de maio e conta com a coordenação geral da vice-reitora eleita, professora Cássia Turci. “A gente quer que todos os centros se fortaleçam, que todos os setores sejam envolvidos, porque todas as áreas são importantes”, afirmou a vice-reitora à reportagem.

A diretoria da AdUFRJ está convencida de que uma das coisas que precisa mudar na universidade é o sistema de progressões. Não só que elas voltem a ser múltiplas, mas principalmente que as avaliações das unidades acadêmicas sejam respeitadas. Nem sempre é o que acontece, como mostramos em matéria da página sobre as intervenções da CPPD nas promoções dos professores da Escola de Química.

Por fim, na página 8, trazemos uma reportagem que revela a importância da ciência básica. Sete físicos, esses peculiares humanos que parecem morar em laboratórios e que têm fama de avoados, estão mergulhados num projeto que pode mudar o entendimento de que o mundo começou com o Big Bang. São professores e alunos que, juntos, nos encham do orgulho de ser da UFRJ. Boa leitura!

CONVÊNIO

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Mariane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: mariane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  Psicare PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIÁ

ASSEMBLEIA

QUARTA
07/06
10H

A SER REALIZADA NO FORMATO HÍBRIDO:
NO CENTRO DE TECNOLOGIA
BLOCO D, SALA D-220
E VIRTUAL, ATRAVÉS DO ZOOM

PAUTA ÚNICA:

DELEGAÇÃO DO 66º CONAD, A SER
REALIZADO DE 14 A 16 DE JULHO DE 2023,
EM CAMPINA GRANDE, PB.

AGENDA:

10H. PRIMEIRA CONVOCAÇÃO COM
O QUÓRUM MÍNIMO DE DOCENTES

10H30. INÍCIO DA AG COM QUALQUER
NÚMERO DE DOCENTES

10H30 ÀS 10H40. INFORME DA DIRETORIA

10H40 ÀS 11H. INFORME DAS UNIDADES

11H ÀS 12H. DISCUSSÃO DA PAUTA ÚNICA

12H. ENCERRAMENTO DA ASSEMBLEIA

NOTAS

POSSE DE LUCCHESI NA BIBLIOTECA NACIONAL

O professor Marco Lucchesi, titular da Faculdade de Letras, tomou posse oficialmente como novo presidente da Biblioteca Nacional. A cerimônia aconteceu no dia 30 de maio. Em seu discurso, o docente, que é ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, ressaltou a importância da Biblioteca Nacional para o país. “Memória social, que cada geração buscou guardar”. E homenageou os servidores. “A mais sentida homenagem, aos servidores, aos agentes públicos, mas também a todos aqueles que se aposentaram”. Ministra da Cultura, Margareth Menezes prestigiou o evento. “Nos últimos anos, vivemos infelizes momentos de um obscurantismo cultural,

onde as políticas dessa fundação foram negligenciadas. Então, em nosso tempo presente, é tempo de celebração”.

SBPC: ELEIÇÕES PARA DIRETORIA E REGIONAIS

Começou no dia 29 de maio o processo eleitoral da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Este ano, os associados vão escolher a nova diretoria e as secretarias regionais que vão conduzir a entidade pelos próximos dois anos. Além do novo Conselho, que atuará por quatro anos. O professor Renato Janine Ribeiro, atual presidente da SBPC, é o candidato à reeleição. A “Área D”, que engloba as secretarias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, tem quatro vagas e oito candidatos. Quatro são docentes da UFRJ: Elia-

ne Volchan, Ligia Bahia, Luiz Davidovich e Marco Lucchesi. As eleições são remotas e seguem até 19 de junho.

DUAS CHAPAS DISPUTAM A DIREÇÃO DA COPPE

A próxima semana será de decisão para a comunidade acadêmica da Coppe. Duas chapas disputam as eleições para conduzir o instituto pelos próximos dois anos.

A **Chapa 1** é composta pela professora Suzana Kahn (atual vice-diretora) e pelo professor Marcello Campos.

A **Chapa 2** é formada pelos professores Theodor Antoun Netto e Marcelo Savi.

As eleições acontecem nos dias 5 e 6 de junho, pelo Sistema Hélio.



NESTE SÁBADO: VISITA À PEQUENA ÁFRICA

Um grupo de 35 professores ativos e aposentados filiados à AdUFRJ tem um encontro marcado no próximo sábado, dia 3 de junho. Trata-se da segunda edição da visita guiada à “Pequena África”, na região portuária do Rio de Janeiro. O evento é promovido pela AdUFRJ. O ponto de encontro será em frente ao Museu de Arte do Rio (MAR), às 14h. O guia do passeio é o historiador e capoeirista Gabriel Siqueira. Em breve, a AdUFRJ divulgará outras datas e roteiros de passeios histórico-culturais. Participe!

Pela primeira vez, UFRJ tem comissão de transição

> Reitoria eleita criou grupo que se divide em quatro grandes áreas temáticas. Estudantes, docentes e técnicos participam. Objetivo é nortear ações da futura gestão com relatório detalhado

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

Diagnosticar a situação da universidade e desenhar um plano de trabalho para a futura reitoria da UFRJ, com ações no curto, médio e longo prazos. Em linhas gerais, essas são as atribuições do Grupo de Transição, composto por professores, técnicos e estudantes que apoiaram a eleição do professor Roberto Medronho e da professora Cássia Turci. A instância foi criada por portaria, no dia 24 de maio. A coordenação geral é da professora Cássia. O relatório final com as análises e planejamentos para a nova gestão deve ser apresentado em 30 de junho.

A instituição de um grupo de transição é uma novidade na UFRJ. E pode contribuir muito para o planejamento da universidade e para a democracia interna. “A gente quer que todos os centros se fortaleçam, que todos os setores sejam envolvidos, porque todas as áreas são importantes”, afirma a vice-reitora eleita. “Nosso programa já era muito sólido e foi sendo aperfeiçoado. É preciso incorporar à gestão as demandas e sugestões apresentadas ao longo da campanha e atacar as prioridades. Isso ajuda a universidade a se unir”, avalia.

O grupo se reuniu no dia 29 de maio pela primeira vez. O encontro aconteceu no Salão Nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, e serviu para apresentar as diretrizes do trabalho e dividir a equipe — de mais de cem pessoas — em quatro áreas temáticas.

ACADÊMICO

O coração da universidade, ou seja, sua atividade-fim, faz parte do escopo do Grupo Técnico de Gestão Acadêmica. Coordena o grupo a professora Maria Fernanda Quintela, do Instituto de Biologia. O grupo temático contempla temas como Ensino, Pesquisa, Extensão, Inovação, Ações Afirmativas, Políticas de Permanência. A primeira reunião aconteceu na quarta-feira (31), à tarde. “Já temos reuniões agendadas com as pró-reitorias acadêmicas. Esse projeto de criação do grupo de transição é muito inovador na universidade. Nunca houve uma organização dessa forma”, destaca a professora Maria Fernanda. “É um avanço no processo demo-



CHRISTINE RUTA

É preciso incorporar à gestão as demandas e sugestões apresentadas ao longo da campanha e atacar as prioridades. Isso ajuda a universidade a se unir

CÁSSIA TURCI
Vice-reitora eleita da UFRJ

crático da UFRJ e um salto de qualidade na gestão acadêmica”, comemora.

A professora é cotada para ser a nova pró-reitora de Graduação da universidade, mas afirma que não recebeu convite. “As pró-reitorias sairão desse processo de transição, mas ainda não recebi nenhum convite. Não componho o GT por isto. Estou na coordenação por minha experiência acadêmica e de gestão, com oito anos na direção do Instituto de Biologia e

oito anos na decania do Centro de Ciências da Saúde”, analisa.

O Grupo Técnico de Gestão Administrativa atua em outra grande área responsável, por exemplo, por políticas coordenadas pelas pró-reitorias de Pessoal, Planejamento e Finanças e de Gestão e Governança. O Complexo Hospitalar também faz parte deste bloco. O GT é coordenado pela técnica-administrativa Neuz Luzia Pinto. “A proposta é organizar a carta-programa da gestão, de forma a indicar as ações necessárias para a realização de cada projeto”, explica Neuz.

Para a organização das propostas de campanha, Neuz destaca a importância de conhecer as informações atuais da universidade. “O vice-reitor em exercício, professor Carlos Frederico (Leão Rocha), pediu a cada pró-reitoria para elaborar o relatório do que foi realizado na gestão e do que está em andamento. Essas informações ajudarão a subsidiar os apontamentos dos grupos técnicos”, pontua a servidora.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

O terceiro grupo temático é o GT Administração Central. Estão no escopo do grupo áreas englobadas pela Procuradoria, Prefeitura Universitária, Comunicação, Acessibilidade, Sustentabilidade e Meio Ambiente, entre outras. A coordenação é da professora Christine Ruta, atual coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura. “Nosso GT é transversal, se relaciona com diferentes áreas. Participar desse momento como professora é enriquecedor”, avalia a docente.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



MARIA FERNANDA QUINTELA
GESTÃO ACADÊMICA



NEUZ LUZIA PINTO
GESTÃO ADMINISTRATIVA



CHRISTINE RUTA
ADMINISTRAÇÃO CENTRAL



RAFAEL ACIOLE
ORGANIZAÇÃO DA POSSE

“Poder parar para pensar a nossa instituição, planejar a nossa universidade é muito importante. É um momento ímpar”, destaca Christine Ruta.

Bióloga, a professora reafirma a preocupação da reitoria eleita com temas relacionados ao Meio Ambiente. “Como bióloga, estou muito emocionada, porque Meio Ambiente tem a ver com o futuro, se relaciona com a saúde das pessoas. De fato, precisamos ter uma universidade cada vez mais sustentável por nós e por quem virá depois da gente”.

ORGANIZAÇÃO DA POSSE

O último GT está encarregado de assessorar o Cerimonial da UFRJ para a posse do novo reitor. Coordena o grupo o advogado Rafael Aciole, egresso da Faculdade Nacional de Direito. “Nossa atuação é política, de trazer para a posse da nova reitoria atores importantes para o país”, conta o advogado.

A posse está prevista para acontecer numa sexta-feira. A princípio, 7 ou 14 de julho. “Queremos trazer ministros, deputados federais do Rio de Janeiro, estaduais e municipais do Rio, Caxias e Macaé”, elenca. “Também pretendemos trazer expoentes da arte popular brasileira. Nomes como Chico Buarque e Martinho da Vila são cotados”, adianta. “Queremos dar um recado para a sociedade. Teremos parlamentares, setores da cultura, da educação, de movimentos sociais e reitores das universidades públicas do Rio de Janeiro. Todos juntos numa grande frente democrática”, conclui.

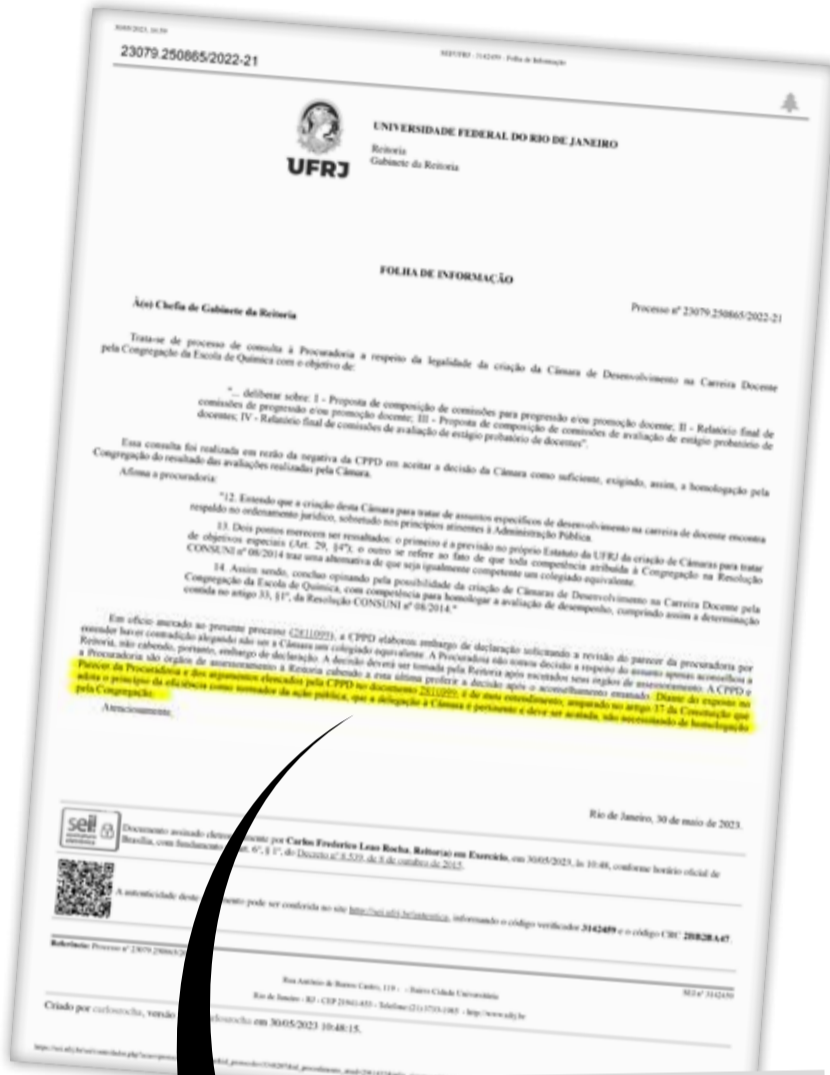
Bloqueio de progressões revolta Escola de Química

> CPPD não aceita competência de câmara criada pela unidade para homologar os processos e contesta até mesmo parecer da Procuradoria da UFRJ. Reitoria intervém no embate a favor da EQ

ALESSANDRO COSTA/ARQUIVO ADUFRJ



DIRETORA DA EQ, Fabiana Valéria da Fonseca espera que manifestação da reitoria ponha fim à postura da CPPD



Em ofício anexado ao presente processo (2811099), a CPPD elaborou embargo de declaração solicitando a revisão do parecer da procuradoria por entender haver contradição alegando não ser a Câmara um colegiado equivalente. A Procuradoria não tomou decisão a respeito do assunto apenas aconselhou a Reitoria, não cabendo, portanto, embargo de declaração. A decisão deverá ser tomada pela Reitoria após escutados seus órgãos de assessoramento. A CPPD e a Procuradoria são órgãos de assessoramento à Reitoria cabendo a esta última proferir a decisão após o aconselhamento emanado. Diante do exposto no Parecer da Procuradoria e dos argumentos elencados pela CPPD no documento 2811099, é de meu entendimento, amparado no artigo 37 da Constituição que adota o princípio da eficiência como norteador da ação pública, que a delegação à Câmara é pertinente e deve ser acatada, não necessitando de homologação pela Congregação.

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjr.org.br

A Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) está obstruindo sistematicamente processos de progressão docente da Escola de Química (EQ). A inusitada situação — já que, em tese, a CPPD teria de validar os processos já homologados pela EQ — decorre de uma interpretação não menos insólita: o colegiado não reconhece a competência da Câmara de Desenvolvimento da Carreira Docente da EQ para homologar os relatórios de progressão. Já são 22 processos obstruídos pela CPPD, com prejuízos financeiros e acadêmicos para os professores.

“A congregação da Escola de Química se sente desrespeitada. O ambiente é de revolta com essa postura da CPPD”

FABIANA VALÉRIA DA FONSECA
Diretora da Escola de Química

Fabiana Valéria da Fonseca. Segundo ela, a Câmara de Desenvolvimento da Carreira Docente foi criada em 11 de julho de 2022 justamente para evitar atrasos na avaliação dos relatórios de progressão. “É uma câmara com objetivo específico, como prevê nosso regimento, que foi

aprovado pelo Consuni. Como a Congregação só se reúne uma vez por mês, a câmara veio para dar celeridade aos processos”, lembra a professora. Os processos de progressão, mesmo que transcorram sem problemas, demoram cerca de 60 dias para a conclusão. Caso tenham exigências, esse prazo é ainda maior. “Quando a CPPD começou a obstruir os nossos processos, esses prazos se dilataram ainda mais. Fiz então uma consulta formal à reitoria, e a Procuradoria fez um parecer em que atesta a competência da nossa câmara em homologar os processos. Achei que, com esse parecer, a CPPD mudaria sua postura. Mas isso não aconteceu”, recorda a diretora. O parecer da Procuradoria é de 14 de fevereiro deste ano, assinado pelo procurador-geral Renato Vianna.

volvendo os processos da EQ sem validá-los, a comissão ainda interpôs embargos de declaração ao parecer da Procuradoria, no dia 28 de fevereiro — um caso tão raro quanto surpreendente, já que é a Procuradoria que orienta as instâncias da UFRJ no campo jurídico. “A CPPD não reconheceu a opinião do procurador para esse caso, o que me causou espanto, pois a comissão tem seguido as orientações do procurador para outros processos”, diz Fabiana. A professora lamenta a postura da CPPD nesse embate. “Eles ingressaram com embargos de declaração ao parecer. O texto desse recurso é desrespeitoso com a nossa unidade, é bastante desleal. Acho que o ambiente universitário não tem espaço para esse tipo de manifestação entre colegiados. O próprio estatuto da UFRJ está sendo desrespeitado. Eu sei que a CPPD tem sua autonomia, seu regimento próprio, seu entendimento, mas desde que isso esteja dentro das regras da UFRJ.

A Escola de Química, e toda a UFRJ, têm o direito de entender por que eles não estão aceitando nossos processos”. Na última terça-feira (30), o reitor em exercício, Carlos Frederico Leão Rocha, emitiu um posicionamento que pode dar fim ao embate. Leão Rocha confirma o entendimento da Procuradoria: “É de meu entendimento, amparado no artigo 37 da Constituição, que adota o princípio da eficiência como norteador da ação pública, que a delegação à Câmara é pertinente e deve ser acatada, não necessitando de homologação pela Congregação”, diz o documento. Fabiana espera que essa manifestação da reitoria mude a postura da CPPD: “Que ela ponha um fim nessas obstruções e restabeleça o respeito à congregação da nossa escola”. O Jornal da AdUFRJ tentou contato com a CPPD para tratar dessas denúncias, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

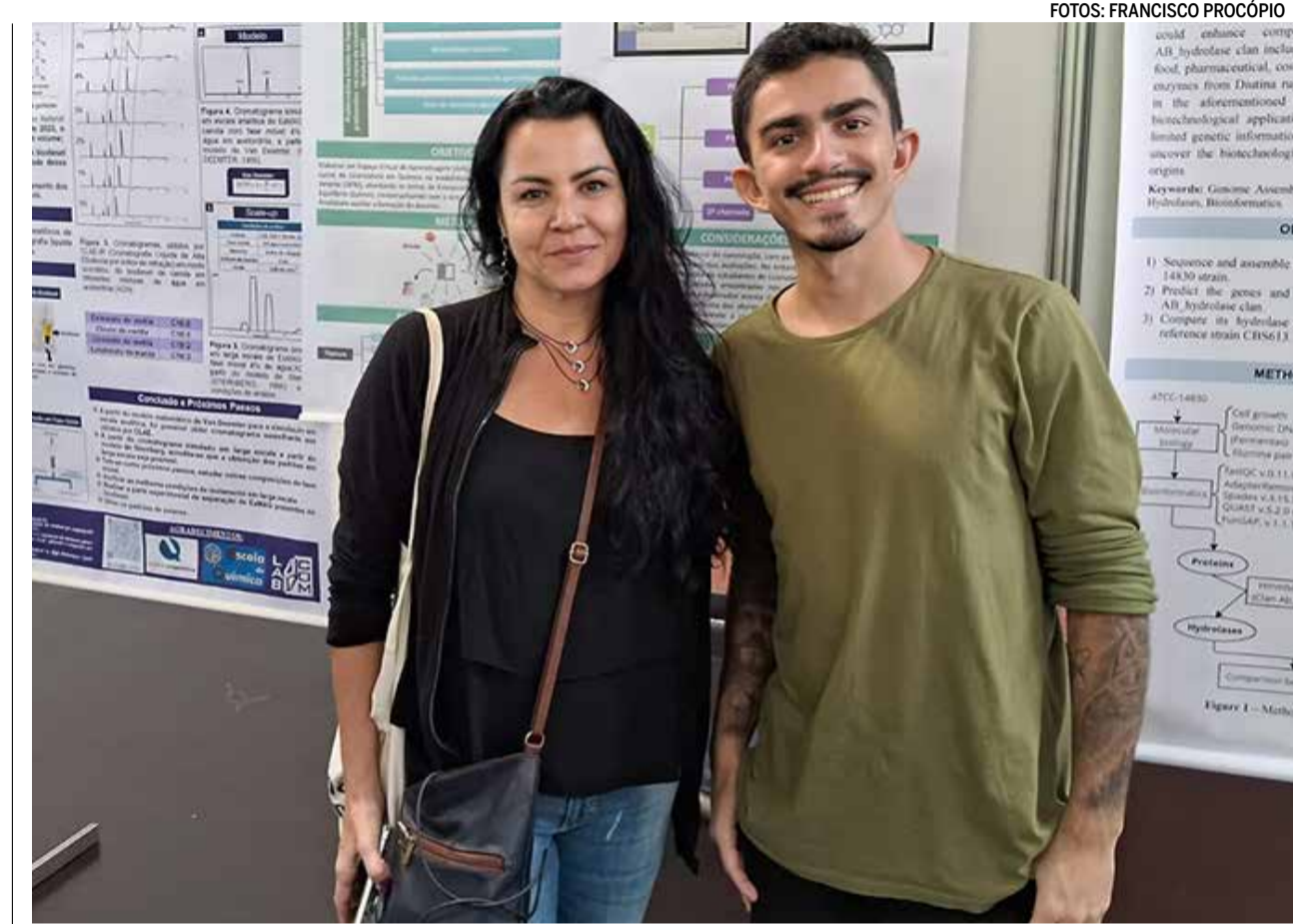
Semana de integração une elos acadêmicos da UFRJ

> Com mais de 6.500 trabalhos inscritos de todos os cursos, a 12ª edição da SIAC é a maior da história da universidade. Cresce a participação de ações que integram áreas de pesquisa e extensão

FRANCISCO PROCÓPIO
comunica@adufjr.org.br

A 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAC), que se encerra nesta sexta-feira (2), é a maior de todos os tempos: são 6.573 trabalhos, com a participação de todos os cursos da universidade. De acordo com a professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, a SIAC é uma vitrine dos trabalhos de pesquisa e extensão da universidade, além de dar protagonismo ao “florescer” dos alunos. “Considero um dos eventos mais simbólicos e emblemáticos da nossa universidade. Vejo o futuro se desenhando”, diz a professora. A pró-reitora de Extensão, Ivana Bentes, lembra que a SIAC conta com 878 ações de extensão e outras 1.861 ações de extensão integradas à pesquisa: “A participação da extensão tem sido crescente, traz muita diversidade de temas e resultados relevantes das ações”, explica a pró-reitora. “Participar de uma semana que integra os três pilares da universidade é fundamental, dá para perceber o ciclo virtuoso dessa relação e o impacto das metodologias de extensão mais abertas”, diz Ivana. Na área da pesquisa, a SIAC conta com 4.715 trabalhos e 2.008 bolsistas. “Ter a oportunidade de se iniciar no meio científico na graduação é muito

importante para a trajetória acadêmica do estudante”, explica a pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Denise Freire. Segundo ela, a SIAC é o momento em que o estudante se dedica à produção e à apresentação do trabalho, e se inicia na vida científica. Emily Catarine Vale, aluna de Engenharia do Petróleo, participa de um projeto de pesquisa sobre análise do espaço poroso de rochas carbonáticas. Ela recebe bolsa de uma empresa privada. Na hora de se apresentar, não escondeu o nervosismo. “Mas tem sido muito gratificante. A UFRJ é uma universidade de muito prestígio, consigo uma visibilidade para meu trabalho”, conta a estudante. A aluna também falou do seu processo de orientação. “Eu consegui orientadores ótimos, que mostram o caminho para que depois eu possa trilhar sozinha. Não fui jogada dentro da pesquisa, eu estou sendo de fato orientada”. A experiência de orientação também é percebida pelos professores, que estreitam os laços com os alunos. Como a professora de fluidos mecânicos, Dora Izzo, que é do Instituto de Física, mas orientou um aluno de Engenharia de Petróleo: “É bem legal ver a evolução do aluno, é uma motivação extra durante a graduação”, conta a docente. A volta ao ensino presencial, depois do período remoto na pandemia, foi fundamental para o sucesso da SIAC. “Aprender de novo a se defender em uma



FOTOS: FRANCISCO PROCÓPIO

“Considero um dos eventos mais simbólicos e emblemáticos da nossa universidade. Vejo o futuro se desenhando”

CHRISTINE RUTA
Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura

avaliação, saber responder a um questionamento, tudo isso é muito melhor de forma presencial do que no modelo remoto”, afirma a professora Maria Alice Zarur Coelho, da Escola de Química. Ao observar a intensa participação dos estudantes na SIAC, Adriana Lages lembrou a importância da liberação de bolsas como elemento crucial para a permanência dos alunos na universidade, sobretudo os de baixa renda. “Recebi um e-mail um aluno dizendo que não conseguiria fazer a prova, pois não tinha dinheiro para a passagem”, conta a professora.

“A gente conhece mais pessoas, interagimos com professores que na rotina de trabalho não encontramos”, conta a professora Adriana Lages, também do Instituto de Química. O professor Rafael Mesquita, do Instituto de Química, foi um dos avaliadores dos trabalhos no Centro de Ciências da Matemática e da Natureza (CCMN). “O comparecimento dos alunos é ótimo e todos os trabalhos que avalei estão com uma qualidade bem alta”, afirma o professor. A SIAC também é um evento aglutinador para os docentes.

INCUBADORA CHEGA PARA AMPLIAR EMPREENDEDORISMO NA UFRJ

“A Inyaga é um sonho, uma vontade de melhorar a qualidade de vida das pessoas e levar o melhor que produzimos nesta universidade para contribuir para o desenvolvimento do país”. Foi assim, emocionada, que a professora Eliane Ribeiro saudou a inauguração, na última terça-feira (30), da primeira incubadora de negócios de impacto social e ambiental da UFRJ, da qual é diretora. O nome da incubadora — que é ligada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) — quer dizer “nossa terra” em linguagem do ramo tupi-guarani. A Inyaga passa a ocupar um dos blocos da Inovateca, no Parque Tecnológico da UFRJ.

Na inauguração, a professora Eliane Ribeiro anunciou o lançamento, ainda este mês, de um edital para selecionar as primeiras empresas que serão incubadas. E também o início da busca de colaboradores que possam ajudar a Inyaga com mentorias e treinamentos, tanto no ambiente universitário quanto na iniciativa privada. “Acredito que na universidade temos o melhor do capital humano, e também precisamos de empresas preocupadas com as questões ambientais e sociais”, explicou Eliane. A diretora se dedica ao empreendedorismo social há quase 15 anos e acredita no potencial da Inyaga. “Desejo que essa iniciativa floresça em todo o Brasil e que possamos testemunhar uma

melhoria significativa no país”, disse ela, que fez uma promessa à comunidade: “Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que essa incubadora seja bem-sucedida. Quero disseminar o empreendedorismo dentro da universidade”. O reitor em exercício, Carlos Frederico Leão Rocha, destacou a importância de o CCJE se estabelecer no Parque Tecnológico. “Isso mostra a expansão da visão de inovação dentro da universidade. Essa incubadora tem uma visão direta associada aos processos de extensão, pois retira o monopólio da inovação da área de pesquisas, e ao mesmo tempo associa os processos de pesquisas e de extensão”, observou Leão Rocha.



A professora Cássia Turci, vice-reitora eleita, ressaltou a necessidade de inovações sociais criadas no ambiente acadêmico: “A gente não pode pensar em lucro,

sem antes pensar no que isso vai agregar à sociedade. Não podemos fazer nada na universidade sem olhar a sustentabilidade e a inovação social”.



FOTOS: EQUIPE CNTC/HUCCF

HOSPITAL FAZ PRIMEIRO TRANSPLANTE DE FÍGADO APÓS OITO ANOS

> “A UFRJ voltou com força”, comemora o coordenador do Centro Nacional de Transplantes Complexos, professor Eduardo Fernandes. Equipe estreou com cirurgia em paciente de 46 anos

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Dois recomeços emocionantes marcaram o 27 de maio na história do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Naquele sábado, às seis da manhã, o HU voltou a fazer um transplante de fígado, depois de oito anos. Às 11h30, o paciente de 46 anos que sofria de cirrose avançada por hepatite C saiu do centro cirúrgico com um sorriso no rosto, esperando por dias melhores — o hospital não revela o nome em respeito à legislação vigente. Foi a primeira operação realizada pela nova equipe do Cen-

tro Nacional de Transplantes Complexos (CNTc), instalada no HU com recursos do Ministério da Saúde. “É uma prova para a sociedade de que a UFRJ voltou com força para protagonizar o maior centro de transplantes dos hospitais universitários do Brasil”, comemorou o professor Eduardo Fernandes, coordenador do CNTc.

O centro, que ainda está em um estágio inicial, poderá realizar transplantes combinados de coração, pulmão, rim, pâncreas e fígado. Tudo pelo Sistema Único de Saúde. “O governo percebeu que precisava reativar este tipo de transplante, que custa muito caro. E o ministério escolheu a UFRJ para o começo do sistema”, afirmou Eduardo.

Além de começar um sistema, a iniciativa pode ajudar a

“Espero que este centro de transplantes seja um símbolo para colocar a UFRJ no seu devido lugar como formadora de profissionais de excelência

MARCOS FREIRE
Diretor do Hospital Universitário

reconstruir a saúde pública do país. O coordenador acredita que o CNTc servirá para impu-

sionar a retomada de mais centros de transplante nas outras federais. “O mesmo desmonte dos transplantes que aconteceu na UFRJ aconteceu em outras universidades”.

Por enquanto, a nova equipe atenderá às demandas de operações no Centro Cirúrgico da unidade, no 12º andar. A ala F do sétimo andar será adequada para abrigar o CNTc, a partir de doações da Rede Dasa. Mas ainda não há previsão para as obras. O certo é que haverá, pelo menos, seis leitos para o Centro de Terapia Intensiva e oito de enfermagem.

O transplante de sábado passado, por outro lado, mostrou que a equipe não vai esperar até as instalações ficarem prontas “Estamos com o programa aberto. Todos os dias, estamos

avaliando novos pacientes. Não só para o transplante de fígado, mas para o transplante de pâncreas, de pulmão, de coração”, disse Eduardo. “Começou uma corrida. Não dá mais para voltar atrás”, completou.

Com uma carreira vinculada ao hospital desde a residência médica, Eduardo não escondeu a felicidade pela retomada dos transplantes de fígado. “Fiquei muito emocionado de poder estar retribuindo para o hospital tudo que o hospital fez por mim”, disse. O atual coordenador do CNTc trabalhou por muitos anos com o professor Joaquim Ribeiro Filho, pioneiro dos transplantes no HU. “Depois de muitos anos, saí. Voltei como professor em 2011. Espero poder retribuir muito mais. Foi um momento muito especial.

Não posso deixar de agradecer por fazer este recomeço”.

INVESTIMENTO VALE A PENA

Diretor do hospital, o professor Marcos Freire também celebrou o transplante recém-realizado pela nova equipe. “É uma emoção para nós. Espero que este centro de transplantes seja um símbolo para colocar a UFRJ no seu devido lugar como formadora de profissionais de excelência e de pesquisadores”, disse.

O gestor destacou que a falta de recursos humanos é o grande problema do HU. E que o investimento vale a pena para a sociedade. “Se você colocar aqui 900 profissionais, eu abro 140 leitos. A estrutura está pronta, com leitos reformados, com colchões novos, com equipamento”, afirmou, em referência às melhorias realizadas no prédio, durante o período da pandemia. “Nós mostramos o que o hospital é capaz de produzir. Chegamos a ter 320 leitos. E o recurso humano também saiu daqui treinado” — no fim de 2021, foram encerrados os contratos da força de trabalho temporária. Hoje, o hospital conta com apenas 180 leitos abertos.

FORMAÇÃO AMPLIADA

O funcionamento do CNTc também agrega qualidade à formação de profissionais pelo Clementino Fraga Filho. A médica hepatologista Samanta Basto, que trabalha com pacientes de transplante há mais de 20 anos em diferentes unidades de saúde, não tem dúvida disso. “O transplante faz parte desse projeto de ensino e pesquisa. Foi bonito de ver a equipe cirúrgica mais os residentes lá”, diz. “Será muito bom para o hospital, seus alunos e pacientes, contar com essa equipe diferenciada”, completa.

O ensino do que ocorre antes e depois dos transplantes de fígado ficou preservado graças a um ambulatório muito ativo, mesmo nos oito anos sem cirurgia no hospital. “As pessoas tendem a achar que o transplante é somente a cirurgia. E, de fato, é uma das cirurgias mais complexas da Medicina, que exige cirurgiões muito habilidosos e experientes. Porém o transplante também vai muito além”, explica Samanta.

O CNTc reúne no HU um time multidisciplinar de enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, entre outros profissionais. Fora os diversos especialistas voltados especificamente para o transplante, como médicos intensivistas, hemoterapeutas, infectologistas e radiologistas. “E o acompanhamento continua depois. Durante o resto da vida, os pacientes precisarão de cuidados médicos em função da imunossupressão”.

Estes pacientes, ressalta a médica, são muito desafiadores do ponto de vista acadêmico, em função da gravidade das doenças que acometem o fígado. “Eles ensinam para a gente o tempo todo. Não só no momento da cirurgia, mas ao longo do acompanhamento”, afirma.

Uma das “lições” que os transplantados passam todas as vezes é a da emoção. A médica, que é clínica, não participou



FOTOS: EQUIPE CNTC/HUCCF

o transplante do dia 27, mas acompanhou a saída do paciente do centro cirúrgico. “Ele estava muito grato. Chorou com a equipe médica. E saiu sorrindo. Foi, de fato, emocionante. E é sempre emocionante, mesmo a gente trabalhando há tantos anos com isso”.



ELEIÇÃO NO HOSPITAL

A comunidade do hospital universitário votou nesta semana para a diretoria do período 2023-2027. Pela primeira vez, o processo foi online — pelo sistema Helios E-Voting — e os votantes receberam as orientações no endereço de correio eletrônico cadastrado nos sistemas oficiais da UFRJ. O professor Marcos Freire, atual diretor-geral, foi o único candidato inscrito. A apuração será realizada nesta sexta-feira, dia 2.

DEPOIMENTO

“

IGOR VIEIRA,
Estagiário de
Jornalismo
da AdUFRJ



Fui diagnosticado com colangite esclerosante primária (CEP) aos três anos de idade. É uma doença complexa, autoimune, que afeta o meu corpo inteiro, como o baço e o esôfago, mas principalmente, o fígado, que estava muito necrosado. Eu era muito icterício, sentia muita coceira — especialmente ao comer algo gorduroso —, e muita fadiga. Não tinha energia para nada. Meu corpo era muito frágil e eu não podia nem praticar esportes. Sou um brasileiro que nunca jogou bola.

A necessidade de tratamento me fez viajar seguidas vezes para me consultar com a Dra. Gilda Porta, em São Paulo, referência na área — obrigado, pai e mãe, por todo aquele apoio, de esforço físico ao financeiro! Consegui conviver com a doença até os 18 anos, mas depois de muitas intercorrências — hemorragia, coma, além de meses no hospital para fazer exames e cirurgias menores — precisei de um transplante.

Apesar da cirurgia apenas aos 18, sempre houve a expectativa: desde cedo, era o único entre meus amigos a ter um CPF, obrigatório para entrar na “fila” do sistema. Não ocorreu antes, porque, lembro bem das palavras da minha médica, “um transplante é uma cirurgia muito séria, ainda não há necessidade de passar por esse risco. Apenas se houver piora”. Mas estávamos sempre alertas.

Em 2016, tive um infarto esplênico, ou seja, no baço, segundo órgão mais afetado pela minha doença. Foi horrível, senti dor por

meses, mas quando entrei no consultório da médica em São Paulo, já sabia que ela iria falar “é hora do transplante”. Meu irmão, Ivan Marcos — valeu, Marquinho! —, se prontificou a doar 70% do fígado dele, um órgão que se regenera, para mim.

Não sou de rezar, mas refleti bastante, e na véspera da cirurgia, no dia 29 de agosto de 2016, pensei: “Pode dar errado, posso cair e morrer. Mas também pode dar certo, e posso voar. Minha vida será outra”.

Deu tudo certo. Eu e meu irmão nos recuperamos completamente — obrigada, doutora Gilda Porta, e toda a equipe do Hospital A.C Camargo. Ainda hoje, toda vez que vejo uma campanha ou uma notícia sobre transplante, como a do HU da UFRJ, fico emocionado.

Quer dizer, nenhum transplantado de fígado fica 100% curado. O corpo sempre vai rejeitar um órgão que não é meu. E é por isso que até hoje preciso tomar imunossupressores para diminuir a capacidade de ataque do meu sistema imunológico. Os remédios são fornecidos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde — eu sou “viva o SUS” e “viva a Ciência” bem antes da pandemia!

Graças à família, aos profissionais de saúde, à Ciência e ao SUS, estou vivo, terminei a escola, fui para faculdade, estou estagiando e quase me formando na UFRJ. Graças a essas oportunidades, estou aqui para escrever este depoimento repleto de gratidão. Obrigada, colegas do Jornal da AdUFRJ.

LINHA DO TEMPO

26/05 - SEXTA-FEIRA

Um jovem, vítima de atropelamento na cidade do Rio, sofre morte encefálica. A família decide pela doação dos órgãos.

23h

Equipe do Clementino Fraga Filho vai ao hospital da zona norte para avaliação e possível captação dos órgãos.

27/05 - SÁBADO

00h30

Após ser comprovado o bom estado do fígado, começa a mobilização para o centro cirúrgico com anestesistas, instrumentadores, enfermagem, pessoal da

farmácia e do banco de sangue. É uma corrida contra o tempo, pois o órgão só fica viável para transplante durante dez horas.

5h

Fígado chega ao hospital para ser preparado com algumas soluções específicas para a operação.

6h

Receptor é anestesiado para remoção do fígado doente e implante do novo

10h

Fim da cirurgia, que envolveu aproximadamente 20 médicos.

11h30

Paciente sai acordado para o CTI com quadro clínico estável

30/05 - TERÇA-FEIRA

Transferência para a ala de enfermagem

OS PROFESSORES
Claudio e Rodrigo (de barba) consideram o projeto muito promissor



Em busca da ORIGEM

> Pesquisadores da UFRJ participam de projeto inovador, que pode contestar teorias clássicas da Física e da Ciência em geral, incluindo a suposta origem do universo

IGOR VIEIRA
comunica@adufRJ.org.br

Em um laboratório no Instituto de Física, em um local quase despercebido, uma equipe de pesquisadores mexe com dois aparelhos de aparência simples. Mas dessa falsa simplicidade e da pesquisa feita nesse discreto laboratório da UFRJ podem surgir respostas sobre a origem do universo.

São eles os sete pesquisadores do LASER, Laboratório de Super-Espectroscopia do Rio, que assinam um artigo sobre a primeira etapa do seu projeto inovador, já publicado na prestigiada revista Nature. O laboratório faz parte do experimento ALPHA, uma colaboração internacional do CERN, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear.

A pesquisa do ALPHA pretende comparar as características da matéria e da antimatéria em altíssima precisão. Segundo o professor Claudio Lenz Cesar, do LASER, “caso sejam diferentes, teorias na base da Física, amplamente aceita por cientistas, seriam colocadas em xeque, revolucionando o campo da Física e da Ciência como um todo”. O professor explicou o que diz a Teoria do Big-Bang: “No início foi criada matéria e antimatéria. Porém, hoje não encontramos antimatéria primordial na natureza e no espaço. Se é verdade, onde ela está?”

A diferença entre hidrogênio e anti-hidrogênio ainda será comprovada. “Há sim a chance de um prêmio Nobel para o experimento. Para testar isso, temos que aumentar a precisão da comparação e conseguir uma técnica para colocar

hidrogênio na mesma armadilha de anti-hidrogênio no CERN”, revelou o professor. No laboratório da UFRJ, porém, há duas inovações já feitas: a Armadilha de Íons, e uma Fonte de Íons Frios obtida de maneira direta.

O professor do Instituto de Física explicou o que já foi feito e as etapas seguintes. “Com a nossa técnica de Fonte de Íons Frios, podemos gerar íons de espécies variadas de átomos e moléculas, em baixas temperaturas. A Fonte produz átomos, moléculas e íons frios e a armadilha aprisiona íons ou elétrons. Replicando isso no aparato no CERN, poderemos aprisionar o ânion (íon negativo, com elétron extra) de hidrogênio frio e depois transportá-lo para a armadilha de íons do ALPHA. Em sequência, o elétron extra é retirado, deixando hidrogênios neutros na armadilha. Assim, teríamos hidrogênio e anti-hidrogênio no mesmo ‘ambiente’, possibilitando a comparação direta”, detalhou o pesquisador.

Por enquanto, o íon de hidrogênio só é aprisionado por um segundo na UFRJ. “Aprisionar uma maior quantidade, de uma amostra mais fria ainda, e por mais tempo, é o objetivo da segunda e da terceira etapas”, anunciou Claudio.

O aparato no CERN estuda o átomo de antimatéria em até 12 casas decimais. “Almejamos atingir uma precisão maior, de 15 casas decimais. Com o anti-hidrogênio e o hidrogênio ‘presos’ na mesma armadilha e sujeitos ao mesmo laser, vamos poder comparar os dois e descobrir se eles se comportam de forma diferente ou igual em altíssima precisão”, cravou o professor.

Apesar da ansiedade para essa implementação no CERN, em 2025, o professor do IF Rodrigo Sacramento, também do LASER, afirma que o artigo já é revolu-



cionário. “A Armadilha de Íons já existe, mas fizemos a partir de uma técnica nova. Quanto à Fonte de Íons Frios, não havia até então, no mundo, nenhuma técnica que permitisse a produção direta de ânions de diferentes átomos a baixas temperaturas”.

O tipo de armadilha construído na UFRJ, o Penning, também não existia na América Latina, atesta o professor Rodrigo. “Elas foram projetadas e construídas por pesquisadores brasileiros em solo nacional. Agora, qualquer pesquisador do país pode construir os aparelhos, sem muito custo, e utilizar para diversos fins. Inclusive na UFRJ”.

As aplicações são incontáveis: construir computadores e relógios quânticos, estudar a formação de moléculas nas condições do espaço interestelar, para pesquisas no campo da Astrofísica, Bioquímica, Física Básica, entre outros.

“A ideia do artigo é mostrar como os aparelhos podem ser plurais, inclusive utilizados para pesquisas de forma que desconhecemos. Essa é a ‘graça’ de desenvolver uma nova técnica”, afirma o professor Rodrigo.

A divulgação do artigo é recente, mas a ideia foi concebida em 2020, quando o doutorando Levi Oliveira ainda estava na Iniciação Científica. “Eu ia frequentemente ao laboratório durante a pandemia fazer testes, elaborar resultados e discutir com os professores”, disse Levi, reconhecendo a confiança que os docentes depositaram nele. Para ele, a divulgação científica é essencial. “Esse trabalho é muito bom para a Ciência nacional. Nós, físicos, temos que divulgá-lo”, afirmou Levi. “Muitas vezes, as pessoas não têm noção do que está sendo feito aqui dentro”.

COMPETITIVIDADE

Em relação ao financiamento da Ciência na UFRJ e no Brasil, o professor Rodrigo utilizou o termo ‘cientificamente competitivo’. “Nós sofremos com a falta de recursos necessários, que os pesquisadores do exterior têm. Daqui a dois anos, é possível ‘pipocar’ fontes como essa mundo afora, para fazer pesquisas e testar aplicações que não temos como fazer”.

Para o professor Rodrigo, a questão da armadilha de íons se trata da soberania científica do país. “São e serão desenvolvidos sistemas lá, que, caso desenvolvidos aqui, nos colocariam em outro patamar. É importante termos alguém que faça essa tecnologia nacionalmente”. Um exemplo disso é a falta de Ingrediente Farmacêutico Ativo (IFA) durante a pandemia da covid-19, que era importado. O Brasil sofreu com a escassez”.

Outro exemplo é o computador quântico, inexistente no hemisfério Sul. “As empresas e governos dos países ricos estão desenvolvendo esses computadores, capazes de cálculos extremamente complexos para, por exemplo, quebrar criptografias de arquivos. Essa é uma questão de interesse nacional, o país que desenvolver isso antes, poderá se proteger”, disse o pesquisador Claudio.

Os professores confirmam que o financiamento para esse trabalho é quase inteiramente de um edital temático da Faperj, de 2019. Eles concordam, no entanto, que é impressionante o que a UFRJ faz com poucos recursos. “Poderíamos fazer muito mais”, sonham os mesmos professores prestes a desvendar um dos mistérios do universo.